

A MANDINGA, DE MENOTTI DEL PICCHIA

Joel Cardoso¹³

Antônio Carlos Braga Silva¹⁴

Júlio César da Silva Corrêa¹⁵

Resumo

Movimento cultural, artístico e literário da primeira metade do século XX, o Modernismo, em nosso país, se contrapôs às tendências das escolas romântica, realista e naturalista, tendo lugar, também, entre o Simbolismo e o Parnasianismo. Agitando o panorama estético literário, numa profusão de ideias e modelos, convencionou-se, historicamente, assinalarmos como marco inicial desse movimento a Semana de Arte Moderna, de 1922. Esse momento foi marcado por uma efervescência de novas ideias, posturas e modelos. No Brasil, estiveram à frente desse movimento as figuras de Mario e Oswald de Andrade. Outras personalidades, de diversas áreas, aderiram às novas tendências. Entre elas, com participação ativa, temos Menotti Del Picchia, autor, entre outras obras, de *Juca Mulato*, uma narrativa em versos, objeto das nossas reflexões neste artigo. Na obra, uma singela história de amor interiorana, deter-nos-emos na análise de uma das partes do poema (a sétima), que tem por título “A Mandiga”, e é protagonizada pelas figuras de Juca Mulato e do feiticeiro Roque.

Palavras-chave: Modernismo literário, Menotti Del Picchia, *Juca Mulato*.

A Semana de Arte Moderna...

O estudo da história literária coloca-nos sempre diante de dois problemas fundamentais, quando se trata de desvendar o alcance e os exatos limites circunscritos por qualquer movimento de renovação estética: primeiro, é preciso verificar em que medida os meios tradicionais de expressão são afetados pelo poder transformador da nova linguagem proposta, isto é, até que ponto essa linguagem é realmente nova; em seguida, e como necessária complementação, é preciso determinar quais as relações que o movimento mantém com os outros aspectos da vida cultural, de que maneira a renovação dos meios expressivos se insere no contexto mais amplo de sua época. Para retomar a distinção apresentada pelos “formalistas russos” diríamos que se trata, na história literária, de situar o movimento inovador: em primeiro lugar dentro da série literária, a seguir na sua relação com as outras séries da totalidade social. Decorre daí que qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e, aliás, intimamente conjugadas; não obstante, às vezes relacionadas em forte tensão): enquanto projeto estético, diretamente ligada às modificações operadas na linguagem, e enquanto projeto ideológico, diretamente atada ao pensamento (visão de mundo) de sua época.

João Luiz Lafetá¹⁶

¹³ Pós-Doutor em Artes; Doutor em Literatura Brasileira & Intersemiótica; professor titular vinculado ao Curso de Cinema e Audiovisual é, atualmente, diretor adjunto do Instituto de Ciências da Arte (ICA), UFPA, Belém.

¹⁴ Mestre em planejamento e políticas públicas; Especialista em Gestão de Sala de aula na educação básica e superior; Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária; Diretor do Instituto Confúcio- UEPA e Universidade Normal de Shandong, China; Diretor de Pós-graduação e Extensão da Faculdade da Amazônia – FAAM.

¹⁵ Mestre em Ciências a Educação; Especialista em psicopedagogia; Especialista em Gestão de sala de aula na educação básica e superior; Especialista em sexualidade, afetividade e educação; Professor da Universidade Estácio.

¹⁶ LAFETÁ, J. L. 1974, p. 19.

Quando nos defrontamos com os 100 anos já transcorridos da Semana de Arte Moderna (de 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922), nos damos conta de que ela continua, ainda hoje, referencial para os estudiosos da arte literária. Respeitada ou contestada, aplaudida ou vilipendiada, os acontecimentos da Semana, para além do âmbito das artes, em geral, e da Literatura, particularmente, marcaram presença deixando seus rastros no panorama sociocultural. Muitos são os posicionamentos, as interpretações. No dizer de pintor Di Cavalcanti, um dos participantes do movimento, foi “uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulista”.

Bom seria, no entanto, que aprendêssemos a relativizar a importância da Semana de 22 e as concepções de modernismo que dela advieram. Que fique bem claro que essa tarefa de relativização não tem obviamente o fito de desmerecer os acontecimentos da Semana.

Entre os idealizadores, sobressai a figura de Mário de Andrade, inovador, contundente, seguro, polêmico, cuja influência não pode ser negada ou contestada apressada ou facilmente. Mais que um desbravador de ideias, com um senso crítico privilegiado, transitando por diversas linguagens artísticas. Ele não só pesquisou como vivenciou e registrou a cena artístico-cultural do nosso país. Conheceu de ponta a ponta a realidade nacional. Ao teorizar, ele o faz com segurança, influenciando os jovens artistas e intelectuais de sua época e os que o sucederam. Extrapolando as questões teóricas ou especulativas, conheceu as instâncias culturais e políticas daquele Brasil que tanto amou. Dialogou com as principais figuras do seu tempo. A sua correspondência evidencia os bastidores desses contatos e também das suas andanças.

Participaram da Semana de Arte Moderna, além de Mário de Andrade, (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), o escritor Graça Aranha (1868-1931), o escultor Victor Brechereet (1894-1955), Plínio Salgado (1895-1975, escritor, jornalista, poeta, historiador, teólogo e político conservador), a pintora Anita Malfatti (1889-1964), os poetas Menotti Del Picchia (1892-1988), Ronald de Carvalho (1893-1935) e Guilherme de Almeida (1890-1969), o crítico de literatura e arte Sérgio Milliet (1898-1966), o compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959), Tácito de Almeida (1889-1940, escritor, poeta e jornalista), o pintor Di Cavalcanti (1897- 1976), a pianista Guiomar Novaes (1894-1979), Zina Aita (1900-1967, pintora, desenhista e ceramista) entre muitos outros.

A história (social e das ideias, da cultura, da arte e, obviamente, da literatura), embora se queira livre, autêntica, soberana, se subordina a parâmetros conjunturais que almejam continuidade. As mudanças bruscas, em quaisquer âmbitos, sempre encontram resistências e

ANais DO XII ENCONTRO DE LETRAS EM BREVES: Amazonia de todas as letras – povos, terras e fronteiras. Realizado nos dias 20 e 21 de outubro de 2021, pelo Google Meet. ISSN: 2763-8170

contestações. Via de regra, toda ruptura gera contestação e polêmica. Difícil quebrar paradigmas, questionar valores, propor outros. Os ares, porém, à época (primeiras décadas do século XX), eram propícios às mudanças que advinham da Europa. Pela contundência das propostas, pela irreverência, por aglutinar personalidades das diversas linguagens artísticas, a Semana, como não poderia deixar de ser, causou escândalo.

O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade) investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo. Entretanto, consideremos o poder que tem uma ideologia de se disfarçar em formas múltiplas de linguagem; revestindo-se de meios expressivos diversos dos anteriores, pode passar por novo e crítico o que permanece velho e apenas diferente.

João Luiz Lafetá¹⁷

Quer queiramos, quer não, a Semana de Arte Moderna interferiu no contexto literário, constituindo-se como um divisor de águas no nosso cenário que, aqui e ali, já dava de sinais de inquietações e prenunciava mudanças. Assim, situamo-nos como leitores, como críticos, antes e depois dela.

Para críticos e historiadores de arte e, aqui, em específico, de literatura, bom seria que não se detivessem apenas na busca de possíveis reiteraões ou, por outro lado, nas mutações, tentando abarcar linhas rígidas na busca de singularidades ou forçando evidenciar traços demasiados individualizadores. Por mais que tentemos, não é possível olvidar a tradição. Ela tem o seu lugar incontestavelmente firmado e já assegurado.

Menotti Del Picchia

O homem foi sempre assim... Em sua ingenuidade
teme levar consigo o próprio sonho, a esmo,
e oculta-o sem saber se depois o achará...

Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988), foi advogado e jornalista, poeta e escritor, pintor e escultor, cronista e político. Natural de São Paulo, atuou em diversas frentes, entre elas, no jornalismo (como redator) e na cultural e política (foi, por duas vezes, deputado estadual e, por três vezes, deputado federal representando o Estado de São Paulo). O poeta pertence à primeira fase do Modernismo brasileiro. Aliás, antecipa-se formal e esteticamente, às

¹⁷ LAFETÁ, J. L. 1974, p. 20.

características que marcaram esse movimento. Foi, em 1943, eleito para a Academia Paulista de Letras.

Com seu modo individual de ser, escreveu com liberdade, tanto em prosa como em verso. É autor de vigorosos ensaios. Entre outras obras, são dele os *Poemas do vício e da virtude* (1913), *O amor de Dulcinéia* (1926) e *Chuva de pedra* (1925); na prosa, temos os romances *Flama e argila* (1920), *O crime daquela noite* (1924) e *Salomé* (1940) e as novelas e contos *O pão de Moloch* (1921), *A mulher que pecou* (1922) e *O nariz de Cleópatra* (1922). Como ensaísta, é autor de *A crise da democracia*; *A crise brasileira: soluções nacionais* (1935) e *A revolução paulista* (1932); *Suprema conquista* (1921, crítica teatral). Este é apenas um pequeno mostruário das obras do autor, uma vez que a relação completa delas é bem maior.

Juca Mulato



A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

Antonio Candido¹⁸

Publicado em 1917, antecedendo, portanto, às manifestações culturais da Semana de Arte Moderna, *Juca Mulato* está entre as primeiras obras de Menotti Del Picchia, à época ainda um jovem e promissor poeta. Este libreto garantiu a popularidade do autor que se tornou conhecido nacionalmente. Algumas edições (como as da Cultrix, editora de São Paulo, por exemplo) trazem, além das ilustrações do próprio autor, também outras de Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Anita Malfati.

De que trata *Juca Mulato*?

Vejamos a elucidativa colocação de Massaud Moisés:

É bem conhecido o entredo da obra-prima de Menotti Del Picchia: o caboclo que ama a filha da patroa e sofre por desejar o impossível. Nesta situação já se delineia, no entanto, a diferença que a favorece relativamente aos demais poemas dramáticos e ao todo da poesia do autor: o assunto é brasileiro, antecipando-se ao que viria a ser o paradigma do Modernismo, transposição imaginária de uma conjuntura provavelmente observada pelo poeta no meio rural paulista. E, para realizá-lo, supõe o herói em diálogo com as coisas, num confronto panteístico que se mantém poético por nuclear-se ao redor do “eu”: em processo de autodesvendamento.¹⁹

¹⁸ CÂNDIDO, A. 2011, p. 175.

¹⁹ MASSAUD, M. 2001, p. 75.

É uma espécie de Romeu & Julieta interiorano. Juca, o protagonista que dá nome à obra, caboclo simples e humilde, é um cavalariaço, isto é, toma conta dos cavalos da fazenda onde trabalha. Conversa com as coisas e com os animais. Principalmente com o seu cavalo, Pigarço. É feliz no seu mundo. Feliz até o dia em que se apaixona, ante um “olhar que o fitou o acordou para a vida!”. Encantado e prisioneiro desse olhar, se apaixona. Paixões não se explicam racionalmente. Juca se apaixona exatamente por quem não devia, a filha da patroa.

Experimenta os prazeres e as dores dessa primeira paixão. O primeiro amor sempre faz história, sempre é avassalador. O idílio, no entanto, dura pouco. Ao se sentir preterido, desarvorado, o rapaz busca se situar em um mundo que, de repente, ante seus olhos, se desmorona. Dando voz às suas apreensões e para minimizar seu sofrimento, procura, em vão, nos sortilégios de feiticeiro saber se para o seu mal há algum remédio, algum direcionamento. O feiticeiro o desilude: para o seu mal não há remédio.

E, na fuga, no esquecimento, o rapaz ouve novamente a voz das coisas e reencontra a paz. Apaziguado volta ao mundo que sempre foi seu.

É aí que entra a cena de que nos ocupamos neste trabalho.

Formalmente, o poema apresenta, numa proposta evolutiva linear e num crescendo, nove partes:

01. **Germinal:** nessa parte inicial, conhecemos o personagem e o seu mundo. Há já vestígios da paixão prestes a aflorar.



Juca Mulato cisma. (...)
Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
Uns alqueires de chão, o cabo de uma enxada,
um cavalo pigarço, uma pinga da boa,
o cafezal verdoengo, o sol quente e inclemente...

02. **A serenata:** remetendo ao universo da música, deparamo-nos com o despertar do amor que, cadenciada e ritmicamente, é cantado ao violão, instrumento característico dos nossos interiores.

Canta, Juca Mulato... (...)
É tão suave a canção, tão dolente e tão langue
que cada nota lembra uma gota de sangue
a fluir e a pingar dos lábios de uma chaga.
É noite... A brisa sopra uma carícia vaga.

03. **Alma Alheia:** perdido em sonhos, em reflexões, devaneios e conjecturas, Juca Mulato se dá conta do seu amor.

Que tens, Juca Mulato?

Uma tristeza mansa embaça-lhe o fulgor dos olhos de criança.
Ele é um outro... Um langor anda a abrasar-lhe a pele.
Não sabe definir o que há de novo nele.

04. **Fascinação:** o amor tem seus sortilégios, faz-se ouvir em linguagem própria, tem dimensões inimaginadas. Juca, no seu interior, se encontra ainda em harmonia com o mundo que o cerca, com a natureza. A personagem deixa-se arrastar “à vertigem que o enlaça”... tudo se transforma em um “turbilhão que passa”.



Há amor na alucinada
fascinação do abismo,
amor paradoxal, humano e forte
que se traduz nas febres do sadismo,
nessa atração perpétua para o Nada,
nessa corrida doida para a Morte.

05. **Lamentações:** em versos heptassílabos (redondilha maior), depois em decassílabos e, por fim e dodecassílabos, Juca canta a efemeridade dos sentimentos, do amor que, de repente, se vai se tornando inacessível. Vejamos uma passagem significativa:



Amor?
Receios, desejos,
promessas de paraísos,
depois sonhos, depois risos,
depois beijos!

Depois...
E depois, amada?
Depois dores sem remédio,
depois pranto, depois tédio,
depois... nada!

Estas duas estrofes, sucintas, chorosas e pessimistas, resumem, não só a expressão íntima da personagem com seu doloroso inconformismo, mas, metonimicamente e de forma exemplar, as nossas próprias e humanas trajetórias...

06. **Presságios:** daí, aos presságios é um passo só.

Juca sofre... por que? Não advinha a causa.
Só sabe que, em seu peito, o olhar amado e langue,
deixa um rastro de luz como um rastro de sangue...

07. **A Mandinga:** quando descobrimos a impossibilidade de realização de nossos desejos, quando nada que nos rodeia parece dar alento aos nossos sonhos, procuramos ajuda. Entra em cena a figura do feiticeiro Roque, a quem Juca procura.

Juca Mulato apeia.
É macabro o pardieiro.

Junto à porta cochila o negro feiticeiro.

Esta é a parte do poema de que trataremos mais pormenorizadamente, a seguir.

08. **A Voz das Coisas:** retrata a volta às origens, à valorização do que foi, do que vive, do mundo que o cerca.

Não vás. Aqui serão teus dias mais serenos,
que, na terra natal, a própria dor dói menos...
E fica que é melhor morrer (ai, bem sei eu!)
no pedaço de chão em que a gente nasceu!...

09. **Ressureição:** o reencontro consigo mesmo e com seu mundo ancestral.

Coqueiro! Eu te compreendo o sonho inatingível:
queres subir ao céu, mas prende-te a raiz...
O destino que tens de querer o impossível
é igual a este meu de querer ser feliz.

“A Mandinga”

Transcrevemos, a seguir, na íntegra, a sétima parte do poema, que é a que ora nos interessa. Trata-se de uma parte longa poema. Ao apresenta-la, vamos tecendo alguns comentários. Somos ‘humanos, demasiadamente humanos’ seres crédulos. As superstições, alicerçando crenças advindas da tradição, permeiam o saber popular. Buscar os poderes sobrenaturais para resolver pendengas amorosas é, ainda hoje, uma prática comum, principalmente entre as pessoas simples do interior. No poema, a figura do feiticeiro, com seus sortilégios e poderes premonitórios é, um recurso bem à mão e, portanto, disponível para consulta em relação à possibilidade de conquista da mulher amada.

Juca Mulato apeia.
É macabro o pardieiro.
Junto à porta cochila o negro feiticeiro.
A pele molambenta o esqueleto disfarça.
Há uma faísca má nessa pupila garça,
quieta, dormente, como as águas estagnadas.

Juca Mulato vem a cavalo. O feiticeiro é negro. Ele está à porta do *pardieiro* e é, desde o primeiro contato, mostrado como uma figura má, negativa. *Há uma faísca má nessa pupila garça*, comparada a águas estagnadas.

Fuma: a fumaça o envolve em curvas baforadas.
Cuspinha; coça a perna onde a sarna esfarinha
a pele; pachorrento inda uma vez cuspinha.

À maldade, à negatividade se soma ainda a aparência do feiticeiro: ele tem sarna. *Cuspinha*.

Com o seu sinistro olhar o feiticeiro mede-o.
- Olha, Roque, você me vai dar um remédio.
Eu quero me curar do mal que me atormenta.

Convém notar que o olhar é caracterizado como *sinistro*. Juca, indeciso, explicita o que sente já vendo esse seu modo de sentir como um *mal*. A seguir, Roque alardeia os seus poderes.



- Tenho ramos de arruda, urtigas, água benta,
uma infusão que cura a espinhela e a maleita,
figas para evitar tudo que é coisa feita...
Com uma agulha e um cabelo, enrolado a capricho,
à mulher sem amor faço criar rabicho.
Olho um rasto, depois de rezar um bocado
vou direitinho atrás do cavalo roubado.
Com umas ervas que sei, eu faço, de repente,
do caiçara mais mole, um caboclo valente!
Dize, Juca Mulato, o mal que te tortura.

O caboclo, temeroso, indeciso, declara:



- Roque, eu mesmo não sei de este mal tem cura...

Senhor dos seus poderes, o feiticeiro continua a enumerar as façanhas de que, graças às suas práticas, é capaz:



- Sei rezas com que venço a qualquer mau olhado,
breves para deixar todo o corpo fechado.
Não há faca que o vare e nem ponta de espinho:
fica o corpo tal qual o corpo do Dioguinho...
Mas de onde vem o mal que tanto de abateu?

Como se pressentisse a impossibilidade da realização do seu sonho, tomado previamente pela desesperança, o rapaz declara:



- Ele vem de um olhar que nunca será meu...
Como está para o sol a luz morta da estrela
a luz do próprio sol está para o olhar dela...
Parece o seu fulgor quando o fito direito,
uma faca que alguém enterra no meu peito,
veneno que se bebe em rútilos cristais
e, sabendo que mata, eu quero beber mais...

Paradoxalmente, amar é misto de prazer e dor. Juca sofre e, ao mesmo tempo, se compraz na sua dor.

- Eu já compreendo o mal que teu peito povoa.
Dize Juca Mulato, de quem é esse olhar?
- Da filha da patroa.

O conselho de Roque é fatal. Acaba de vez com as esperanças do rapaz: *para o mal de amor nunca encontrei remédio.*

- Juca Mulato! Esquece o olhar inatingível!
 Não há cura, ai de ti, para o amor impossível.
 Arranco a lepra do corpo, extirpo da alma o tédio,
 só para o mal de amor nunca encontrei remédio...
 Como queres possuir o límpido olhar dela ?

Tu és qual um sapo a querer uma estrela...
 A peçonha da cobra eu curo... Quem souber
 cure o veneno que há no olhar de uma mulher!
 Vencendo o teu amor, tu vences teu tormento.
 Isso conseguirás só pelo esquecimento.
 Esquecer um amor dói tanto que parece
 que a gente vai matando um filho que estremece
 ouvindo, com terror, no peito, este estribilho:
 "Tu não sabes, cruel, que matas o teu filho?"
 E, quando se estrangula, aos seus gemidos loucos,
 a gente quer que viva e vai matando aos poucos!
 Foge! Arrasta contigo essa tortura imensa
 que o remédio é pior do que a própria doença,
 pois, para se curar um amor tal qual esse...

O que resta ao rapaz?... Apenas esquecer.

- Que me resta fazer?
 - Juca Mulato: esquece!

Como vemos, finda a ‘consulta’, o feiticeiro não encontra solução para a paixão de Juca Mulato. Os versos dodecassílabos dão um ritmo mais lento, mais pesado à narrativa.

Considerações finais... (ainda que sabidamente inconclusas...)

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.

Antonio Candido²⁰

Como críticos, movimentamo-nos por vezes atabalhoadamente em torno dos nossos objetos de análise. Tomados pela subjetividade, não raro, abdicamos da racionalidade para nos deixar levar ao sabor das emoções. A arte emociona. Os discursos tocam a nossa sensibilidade. Temos consciência dos muitos alcapões ideológicos que nos rondam. Dizemos, dizemos e o

²⁰ CÂNDIDO, A. 2011, p. 175.

que dissemos não nos parece, ao fim e ao cabo, algo tão genuíno ou original. Ecos, reflexos, movimentos interiores que vão e vêm e nos agitam consciente ou inconscientemente.

Cada obra, cada poema tem um quê que nos fascina. Como receptores, leitores em eterno aprendizado, apreendemos os fatos estéticos cada qual a seu modo. Pairam critérios concomitantes de compreensão e, também, de incompreensibilidade. Cada leitor, com sua sensibilidade, no ato da leitura lê e apreende em conformidade com o seu saber prévio, com o estado d'alma do momento.

O poema, com um certo teor sertanista, local e, portanto, evidencia um regionalismo que tende para o sentimental, e que, ao mesmo tempo, tem inegavelmente a sua parcela de universalidade. Bem brasileiro, *Juca Mulato*, já no título, caracteriza e individualiza a personagem: aponta para a mestiçagem. A personagem, jovem, simples, mestiça, interiorana, antecipa alguns aspectos caros ao nosso Modernismo literário. Oscila entre a elaboração poética tradicional e a liberdade formal preconizada pelo receituário modernista. Com versos ora metrificados, ora livres, cadenciadamente musicais, a leitura do poema nos envolve e flui com naturalidade. Trata-se de um drama comum, recorrente, com o qual e talvez mesmo por isso, de imediato, nos identificamos. O enredo, exposto de forma linear e clara, facilita a sua assimilação e nos toma de imediato. Mesmo sabendo no risco em que incorremos, todos almejamos um amor. Como paradoxalmente preconiza o poema, em se tratando de amor, não há escapatória: “esta vida é um punhal com dois gumes fatais: não amar, é sofrer; amar: é sofrer mais”.

Referências

- CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In: _____. 5. ed. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- DEL PICCHIA, Menotti. “A Mandinga”, in _____. *Juca Mulato*. Disponível em <https://www.jornaldepoesia.jor.br/mpicchia03p.html#>. Consulta em 13,02.2021 (16 h.)
- Lafetá, João Luiz. *1930 - A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- MASSAUD, Moises. *História da literatura brasileira: Modernismo 1922, atualidade*. v. III. São Paulo: Cultrix, 2001.